

TRILOGIA DA FUGA: A MORTE NAS OBRAS DE ANTÔNIO TORRES

CLÉLIA GOMES DOS SANTOS*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem (PPGCEL), Vitória da Conquista, BA, Brasil.

RICARDO MARTINS VALLE**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem (PPGCEL), Vitória da Conquista, BA, Brasil.

Recebido em: 30 ago. 2019. Aprovado em: 7 out. 2019.

Como citar este artigo: SANTOS, C. G. dos; VALLE, R. M. Trilogia da fuga: a morte nas obras de Antônio Torres. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 3, p. 190-207, set./dez. 2019. doi: 10.5935/cadernosletras.v19n3p190-207

Resumo

Este ensaio tem como foco a morte, considerando esta como resultado de um malfadado processo migratório nas obras literárias contemporâneas *Essa terra*,

* E-mail: lela.ibce@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-6689-5474>

** E-mail: rimavalle@yahoo.com.br
 <https://orcid.org/0000-0003-2658-0229>

O cachorro e o lobo e *Pelo fundo da agulha*, do escritor Antônio Torres, romances em que o autor propõe uma reflexão sobre a migração nordestina. A nossa hipótese é a de que Torres, ao evidenciar algumas das condições desse cenário, cria personagens confusas diante das adversidades das idas e vindas que, ao não saberem lidar com estas, buscam diferentes saídas, sendo a morte uma delas. Assim, com base em estudiosos da temática, este texto analisa a morte como uma das diversas formas de fuga de realidades dentro das obras literárias citadas.

Palavras-chave

Migração. Suicídio. Ficção contemporânea.

INTRODUÇÃO

Abordar experiências de sujeitos em condição de desterro tem sido prática amplamente recorrente nas produções literárias contemporâneas, e a migração nordestina se destaca nesse ambiente como parte dessas construções, a exemplo de Clarice Lispector e Jorge Amado com as obras *A hora da estrela* e *Seara vermelha*, respectivamente. Contudo, a discussão que circunda este texto refere-se às narrativas contemporâneas do autor baiano Antônio Torres, nas quais ele desenha a saga fraturada de uma família sertaneja sob perspectivas singulares: entende a migração como fruto de um colonialismo interno e o sertão como um lugar explorado e empobrecido por outros espaços. Para isso, ele dá voz ao migrante concedendo a este a condição de narrador em primeira pessoa, assim nos contando “ele mesmo” os dilemas de sua posição de migrante, excluído pelo projeto de inclusão, um personagem superconsciente do próprio destino, por múltiplos fatores: porque migrou para estudar, porque retornou para cuidar das coisas da família na ausência do irmão mais velho, porque depois migrou para alcançar o que o irmão que se matou não conseguiu e porque mais tarde voltou, como o irmão, para a terra de silêncios e esperas. Sempre o mesmo personagem-narrador transformado em outro, indivíduo fragmentado pelas promessas de realização noutro espaço territorial e pela representação social do que os outros, como territórios estrangeiros, esperam do próprio sujeito. No centro dessas querências dissuasivas da objetividade moderna, está sempre o alvo vazio do sucesso; sucesso tanto mais material quanto mais se lhe exigem dimensões simbólicas na representação social; sucesso que poderia não ser material se por alguma outra via se pudessem

conquistar os bens imaginários e morais que uma comunidade como a do Junco espera de seus filhos retirados para os centros maiores de indiferença compartilhada.

Os romances *Essa terra* (1976) e *O cachorro e o lobo* (1997) têm como cenário predominante a pequena cidade do Junco, no interior da Bahia, cidade nem sempre tão pacata em seus subterrâneos. Por meio da narração difusa e agônica de Totonhim, conhecemos na primeira narrativa os fragmentos de vida de seus moradores e a história trágica de Nelo, seu irmão, que aos 17 anos descobre que quer ir para São Paulo e aos 20 cumpre esse desejo, que é pessoal e coletivo. Vinte anos depois, porém, retorna à cidade raiz sob o peso da vergonha de não ter alcançado o sucesso esperado por si mesmo e por seus conterrâneos. Sentindo-se um vencido pela cidade grande, suicida-se no armador de rede da antiga casa dos familiares (TORRES, 2018, p. 12-13). No final, Totonhim faz o mesmo percurso geográfico que o irmão, na ilusão de não cometer os mesmos erros que o outro e de construir um desfecho diferente, ainda que repetindo a mesma rota de fuga. O segundo romance, também construído como um livro de memórias, trata da visita de um único dia que Totonhim faz ao Junco, depois de vinte anos em São Paulo, por ocasião do aniversário de 80 anos de seu pai. Lá ele se depara com os fantasmas do passado, faz uma série de comparações entre o Junco da sua infância e o Junco moderno e questiona-se se ainda seria possível voltar a viver naquele lugar, questionamento básico do migrante que retorna após um tempo prolongado retirado da própria terra: “ainda terei um lugar aqui?” (TORRES, 2015, p. 83). Já o romance que fecha a trilogia, *Pelo fundo da agulha* (2006), tem como palco a cidade de São Paulo e expõe o conflito existencial de Totonhim, como retirante nordestino na terra que estava prestes a cuspi-lo de volta. O narrador protagonista vive o abandono e a solidão numa São Paulo competitiva e indiferente aos dramas particulares de todos os forasteiros que a constituem. Como conhece e teme o destino que teve o irmão mais velho, como narrado em *Essa terra*, e como já experimentou o breve retorno, subjetivamente descrito em *O cachorro e o lobo*, *Pelo fundo da agulha* é um romance de fuga com todas as portas fechadas, porque todos os impasses já estão postos sobre a mesa. Todas as possibilidades apontam para a *única* possibilidade que estrutura todas as possibilidades de fuga, a *esperança de fim*, um desejo pelo fim da pobreza, da vida dura, da irrelevância que termina com um desejo pelo fim dos sucessivos fracassos que se chamam vida.

A MORTE COMO FUGA: O SUICÍDIO COMO SISTEMA DA VIDA

O debate em busca da compreensão do tema da morte almeja respostas a questionamentos instigados pela curiosidade humana, presentes no campo da arte, da filosofia e da psicologia. De acordo com o *Dicionário de símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant (1986, p. 731-732), a morte “designa o fim absoluto de qualquer coisa de caráter positivo, como o próprio ser humano, os animais, as plantas”. Noutro viés de definição simbólica, a morte é elaborada por meio de uma visão humana que a personifica: a morte como um Outro. A filosofia, a antropologia, a biologia, a história e a sociologia tratam da morte com vieses específicos. Romero e Fernandes (2011) dialogam com o tema da morte como um fenômeno substancialmente físico, largamente estudado nos avanços da ciência e que se torna, contudo, inexplicável quando nos remetemos à sua aceitação. Os dois pesquisadores discutem a morte sob uma ótica plurissignificativa, por estar vinculada a paradigmas estreitamente ligados ao contexto sócio-histórico no qual está inserida, ao mesmo tempo que é um dado da natureza dos sistemas orgânicos. Refletir a morte relacionando-a à condição de humanidade pode parecer, sob outra ótica, ver o ser humano como único ser da natureza consciente de que a existência da vida implica a existência da morte. De acordo com Belle (2007, p. 31),

[...] a consciência, num sentido psicológico, como aquela que implica em falar da claridade que existe entre o consciente e o inconsciente; em linhas gerais, sobre o comportamento, seu desenvolvimento, seus processos mentais e emocionais e suas relações com o entorno.

Inferir sentidos ocultos ou explícitos à morte e atribuir significados à vida após a morte é ainda a tentativa de entender como esse tema foi e vem sendo tratado nos processos de evolução humana. Sendo assim, a consciência pode ser uma das causas das preocupações do ser humano em relação à morte ou à certeza dela, bem como em relação à incerteza quanto à continuidade da consciência subjetiva para além da finitude orgânica. Percebemos isso nas inúmeras formas de explicar a posteridade da vida, atribuindo-lhe características simbólicas referentes à completude das próprias fases da vida. Entretanto, a morte tem ganhado contornos humanos por meio da ficção que, de certa forma, é impulsionada pela consciência. Nas palavras de Belle (2007, p. 32), não há

dúvida de que a morte como elemento da ficção humana busca sob diversas maneiras imitar a vida: “Ela é personagem presente na arte literária e plástica, criada a partir do que o homem concebe como significado de morte”.

Na literatura, o tema da morte está intimamente ligado ao pulsar da vida. Em obras de diferentes épocas e estilos, a morte é antístrofe da vida, como o canto trágico do coro que intervém na sequência da ode em que o protagonista só olha para a vida. Em “A desejada das gentes”, Machado de Assis [2019] alegoriza a morte por meio da bela donzela cheia de vida e riso aberto, a quem os homens cortejam, por quem lançam desafios insensatos, sem nunca conseguirem alcançá-la plenamente. O impulso de vida do desejo, porém, só chega a abraçar o “divino monstro” no instante irreversível, já “às portas do nada”. Cada instante de vida é um instante de morte; cada pulso no relógio é a ignorada mnemotécnica de um *sim* e de um *não*, num estalido de abismo. Em Manuel Bandeira (1977), cuja poética é sacramentada pela maldição tísica desde as “Cinzas das horas”, o poeta se predispõe ao abraço da morte, que não vem. No magnífico poema “Momento num café”, ante a passagem do cortejo fúnebre, o personagem lírico, como um “*clown* de Shakespeare”, saúda larga e silenciosamente o corpo morto e reverencia a morte que o acaba de libertar, invertendo os pesos e as suavidades entre o corpo e a alma. Já em “Consoada”, a morte é designada como “a Indesejada das gentes”: a expressão que em Machado designava a beleza da vida que a donzela desejada e esquiva encerrava inverte-se em Bandeira (1977, p. 223) com ternura pela vida que fica: “Quando a Indesejada das gentes chegar [...]/Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,/A mesa posta,/Com cada coisa em seu lugar”.

São evidentemente incontáveis os personagens que protagonizam enredos marcados pelo encontro com a morte, assim como incontáveis as personalidades literárias para quem o limiar da morte é o fundamento da vida e da escrita. Pela poesia e pela escrita de ficção, as letras relembram a transitoriedade da vida, desde a primeira página de Homero até o último romance escrito neste século de dissolução. Com efeito, pelo pensamento augural ou pelo pensamento filosófico – desde os oráculos manuais de Heráclito e a extensiva dialética de Platão até a concreta queda de Deleuze agarrando-se ao ar que lhe faltava e a última entrevista de Derrida à espera do trabalho do câncer concluído –, as palavras pronunciadas sobre o abismo ou silenciadas por essa última parede apontam sempre para o fato de que a morte implica comportamentos humanos diante dela. Personagens e enredos deparam-se com a morte e com seus

desdobramentos tanto na mente humana quanto nos hábitos culturais que a cultuam ou a ocultam, donde tragédias ou prolongados dramas, conflitos de afetos e de futilidades, separações transitórias e o luto perpétuo são sequências naturais da vida humana interpostas por essa última negativa que será sempre uma recorrente e positiva realidade.

Tratar do tema da morte no universo literário é provocar o debate sobre questões de ordem social, histórica, cultural, religiosa, existencial. No ambiente da literatura brasileira, diversas são as formas de aparição da morte, como não poderia deixar de ser. Uma das formas de sua representação é posta na perspectiva literária do sertão, onde ela é uma vizinha persistente, acostumada aos limites de uma vida de carências materiais e aos hábitos de uma sociabilidade permeada de símbolos e valores de tradições exógenas já enraizadas por séculos de colonização de corpos e almas. É necessário, pois, considerá-la como problema que demanda uma abordagem interdisciplinar, uma vez que propõe reflexões sobre especificidades que afligem um certo tipo de região e suas relações com a natureza e com as dimensões simbólicas da vida; lugar de persistências duradouras e rápidas dissoluções, em que a seca é natural, como fenômeno cíclico, mas o drama da seca é um fenômeno de implicação social e política; perplexidades de um lugar de passagem, onde a rama caída se enraíza à revelia, onde se nasce com vistas a deixá-lo na primeira oportunidade oferecida como melhor fortuna e para onde se volta no limiar dos derradeiros infortúnios que nem toda a resistência suportaria. João Cabral de Melo Neto (2007, p. 92) em *Morte e vida severina* sintetiza e sistematiza os aspectos da morte que movem o processo de retirada, mas não inclui a morte de si matada:

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia.

Pela trajetória do retirante que deixa o sertão rumo à cidade grande em busca da própria sobrevivência, o célebre poema dramatiza a morte em cada trecho do percurso. Mas, mesmo em face da iniludível certeza final tão repeti-

da pelo meio do caminho, o protagonista abraça novamente a confiança no futuro e o poema se fecha ainda que dubiamente pela afirmação da vida alegorizada pelo nascimento auspicioso de um menino na desconhecida forma de miséria que a grande cidade ainda está por oferecer crua e integralmente.

Em cenário semelhante, os romances *Essa terra, O cachorro e o lobo e Pelo fundo da agulha*, de Torres, tecem enredos com personagens mergulhadas na problemática da migração, do deslocamento, do não lugar, da desintegração familiar, do exílio e da morte. Recorrente nas narrativas literárias, a morte é elemento simbólico e real, desencadeadora de muitos outros acontecimentos nos livros de Torres, não apenas momento final, pelo contrário. Nele a morte está de permeio. Assim o vimos na fala de Totonhim, ao se deparar com o irmão Nelo, minutos após este se suicidar: “Atordoad, me apressei e bati na porta e bastou uma única batida para que ela abrisse – e para que eu fosse o primeiro a ver o pescoço do meu irmão pendurado na corda, no armador de rede” (TORRES, 2018, p. 12). Nas obras analisadas, a morte é recorrente pela via do suicídio. Não apenas o suicídio do “amado e adorado Nelo”, mas diversas outras menções podem ser encontradas ao longo das narrativas. Em *Pelo fundo da agulha*, há menção a vários episódios de suicídio, a saber: do general, então sogro de Totonhim que descarregara a pistola na própria cabeça (TORRES, 2014, p. 176), do primo Pedrinho, que também morreu pendurado numa corda (TORRES, 2014, p.182), de Gil, personagem que a narrativa apenas menciona como homem de “sorte com as mulheres”, mas atordoad com dívidas provenientes de campanha eleitoral, que “mergulhou de cara dentro de um copo de formicida, na casa de um bispo” (TORRES, 2014, p. 183). Em todas as menções, algo de muito concreto indica a materialidade do ato: descarregar a pistola, dependurar-se numa corda, mergulhar num copo de veneno.

Na literatura, a morte por suicídio está atrelada a diferentes situações vivenciadas pelo personagem que o pratica. No período que antecedeu o romantismo, a Europa viveu em meados do XVIII uma resposta ao chamado racionalismo iluminista e ao classicismo francês, que direcionavam as noções de arte da época, e faz surgir na Alemanha um movimento que ficou conhecido como *Sturm und Drang* (“Tempestade e ímpeto”),¹ baseado na peça do alemão Friedrich Maximilian Klingler,² em que se valorizava uma estética das emoções,

1 Peça *Sturm und Drang*, publicada em 1776, que tematizava a revolução americana.

2 Friedrich Maximilian Klingler (1752-1831) foi um escritor alemão pré-romântico, nascido na cidade de Frankfurt. Em 1775, publicou uma tragédia intitulada *Die Zwillinge* e um ano depois o drama *Sturm*

do misticismo, do entusiasmo e da subjetividade. Recorrer aos sentimentos verdadeiros era uma das premissas desse movimento, e isso despertara nos mais jovens o desejo de amar a natureza, a liberdade e a solidão de maneira incondicional.

Na narrativa de ficção, o tema do suicídio remete inevitavelmente à narrativa *Os sofrimentos do Jovem Werther* (1774), de Goethe. O romance, escrito em forma de cartas confessionais, narra a trajetória de um jovem burguês que, incapaz de se enquadrar nos parâmetros de uma sociedade artificial e hipócrita, decide isolar-se em uma vila bucólica. Contudo, apaixona-se pela bela Charlotte, por quem seria impossível a concretização de um romance, uma vez que era prometida em casamento a outro. Com temperamento sensível e artístico, ele não consegue esquecê-la e acaba suicidando-se com um tiro de pistola na cabeça: “Pela manhã, às 6 horas, o criado entrou no quarto com a luz. Encontrou o seu senhor no chão, viu a pistola e o sangue. Chamou-o, mexeu nele; nenhuma resposta, ele ainda agonizava” (GOETHE, 2016, p. 142). Mesmo na mais célebre narrativa de suicídio, a forma epistolar do romance permite a ocultação do ato propriamente dito: entre a última carta enviada ao amigo Wilhelm e o relato em terceira pessoa, produzido para finalizar a estratégia ficcional de uma narrativa supostamente verídica, o ato mesmo do suicídio é um hiato, que às vezes esquecemos que a rigor não nos foi representado. O suicídio de Nelo também não teve testemunha ou um narrador onisciente que a descrevesse, mas a consciência narradora de Totonhim entra em cena no minuto seguinte, e o que vê não é simplesmente o irmão morto, mas mais precisamente “o pescoço do irmão pendurado na corda”. O pescoço aí não se configura numa metonímia, como figura de linguagem, mas num tipo muito subjetivo de foco, como uma perspectiva narrativa. Se a tradição literária, ao menos para o suicídio, extraviou a visão direta do fato, o romance *Essa terra* segmenta o morto, nomeando o seu pescoço. Com isso, acresce em brutalidade a desumanização do cadáver, ao mesmo tempo que humaniza intensamente a reação do irmão sobrevivente. Como consciência narradora, este não se reinventa com solenidades e subjetividades de palanque, mas, já pelo foco dado ao pescoço, externa de forma agônica a raiva que a situação suscita: ao nomear o pescoço pendurado e não o irmão morto, Totonhim como que mata novamen-

und Drang, que deu seu nome a um movimento literário inteiro da literatura alemã e mundial, cujos principais representantes alemães são Goethe e Friedrich Schiller.

te aquele morto, reificando-o, porque conhece a herança moral que mais uma vez aquele mesmo irmão iria lhe legar.

O suicídio tanto em Goethe quanto em Torres suscita a materialização da morte. Todavia, no contexto de ascensão jurídica e filosófica do indivíduo particular, a morte de Werther adquire viés heroico, pois o amor é compreendido como um ideal e o personagem busca a morte voluntária por razões existenciais. O amor impossível ou não correspondido, o sentimento de inadequação *à ordem social, a recusa das convenções de convívio* tornam-se lemas na nova estruturação do indivíduo. Em Torres, num contexto cultural de persistência arcaizante da moralidade católica, endurecida ainda pelas condições agrestes da vida cotidiana em circunstâncias limites de carência e subsistência, o suicídio é socialmente recebido como vergonha familiar e sua significação agrega acepções de fraqueza moral, de má conduta do arbítrio, de derrota social. Nelo *não teve sucesso em São Paulo, não ficara rico, apanhara da polícia ao ser confundido com um ladrão, perdera mulher e filhos*: não corresponde às expectativas sociais de seu meio de origem e coroa seu fracasso ainda por um último mau passo, para vexame do irmão mais novo, que, como narrador, é uma espécie de consciência clânica que sobrevive ao naufrágio familiar, assistindo a todos os passos do drama coletivo.

A frustração e o insucesso do personagem da trilogia da fuga de Antônio Torres parecem ser bem compreendidos pela perspectiva de Bauman (2005), para quem a sociedade contemporânea, impiedosa e severa, e desejosamente justa, não mais ajuíza as tentativas e os erros dos indivíduos. Bauman (2005, p. 58) compara o sujeito a um jogador que, como astuto, ardiloso, especialista no jogo, continua jogando mesmo desobedecendo às regras: “A sociedade deseja apenas que você continue no jogo e tenha forças suficientes para permanecer jogando”, caso contrário “a estratégia certa para lidar com um jogador tão evasivo e não confiável é derrotá-lo no seu próprio jogo [...]”. Nesse sentido, o poder exercido pela sociedade sobre o indivíduo jamais pode ser por esse contestado, porque passa pela desqualificação de sua posição. Em Torres, a sociedade, representada seja pelo olhar indiferente dos habitantes da cidade grande, seja pela opinião recriminatória da pequena vila do Junco, seja pelo Estado e seu poder coercivo, representado ostensivamente pela polícia, exerce seu poder de exclusão sobre o indivíduo, fragilizado, derrotado e sem forças para continuar no jogo. A morte Nelo é julgada impiedosamente, ainda que entre dentes, pelos membros de sua comunidade natal. Eles reproduzem a indi-

ferença das sociedades altamente urbanizadas, ao mesmo tempo que perpetuam juízos morais tradicionais, com o que se duplica o peso da guilhotina que coroa o fracasso do personagem no suicídio. O seguinte fragmento desenha um dos momentos mais intensos do personagem Nelo em São Paulo ao ser confundido pela polícia durante uma tentativa de impedir que a mulher e os filhos fossem embora: “Eles me agarraram pelas orelhas e pelo pescoço e bateram a minha cabeça no meio-fio da calçada. Berrei. [...] – Socorro. Estão me matando” (TORRES, 2018, p. 55)

Na volta frustrada de Nelo ao Junco, a morte como fracasso é evidenciada, já que o seu fim vinha sendo anunciado antes mesmo de efetivá-lo no armador de rede, como é possível perceber na fala de Totonhim ao sargento, referindo-se ao próprio Nelo: “Você perdeu apenas a chance de matar um homem, que já chegou aqui morto, como se verá” (TORRES, 2018, p. 42). Para Camus (2005, p. 101), o ato de

[...] morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo que instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e da inutilidade do sofrimento.

Para Schopenhauer (2005, p. 403), “os sofrimentos e aflições da vida podem tão facilmente aumentar em tal intensidade que a morte mesma, de cuja fuga toda a vida consiste, é desejável e o homem voluntariamente a abraça”. Notamos, dessa maneira, que, ao se tratar da trilogia da fuga e que esta tem como uma de suas tônicas a migração, a morte resulta não diretamente do percurso do processo migratório, como já o vimos em obras literárias citadas anteriormente (MELO NETO, 2007), mas dos desdobramentos e das consequências desse processo na vida dos sujeitos em condição de desterro.

A morte de Nelo, ocorrida no primeiro livro da trilogia, faz conjunto com a de diversas personagens, no segundo e terceiro romances, por meio da memória, de visitas a lugares mal-assombrados, de menções a histórias de suicidas ou do medo de ir “para o inferno”, destino dos suicidas nas tradições católicas que o livro representa no interior da narrativa. Araújo (2012) afirma que temer a morte é sempre partir rumo a um conforto, a um porto seguro, a um consolo. Para Thomas (1983, p. 186), “representar a morte não é apenas vivê-la em imagens, em nossos sonhos, obsessões, impulsos, para desejá-la ou temê-la; é também materializá-la em frases, formas, cores, sentidos”.

Na trilogia da fuga, a recorrência da morte por suicídio tem uma simbologia que vai além do individual: o sujeito que mata a si próprio mata também o sonho daquele lugar geopolítico e social. Trata-se de um evento possível dentro de um imaginário territorial construído na relação com as semiologias improváveis de um outro território imaginário e real. Os romances de Torres tecem verossimilhanças prováveis para a fantasia e os sentidos das almas e dos corpos que habitam um ponto *ínfimo* no sertão da Bahia a respeito da capital da cidade mais populosa do país. Essa morte, contudo, presenciada junto ao pescoço de quem é retirado da própria forca, seria decisiva para a narrativa que por três décadas recorreria em Antônio Torres (2018, p. 130): “Tudo morre com esta noite, para um nunca mais”.

No decorrer das narrativas, a vontade e o desejo de sair do Junco e ir para a cidade, em especial São Paulo e Paraná, são evidenciados em muitos momentos. A ida de Nelo para a “terra prometida”, *São Paulo*, era o objetivo de muitos moradores do Junco. Nelo então representava aquele que saía para melhorar de vida, para enriquecer, “comprar um terno de casimira”, “se dar bem com as mulheres”. Seu projeto não deixa de ser a síntese de um anseio coletivo. No momento em que ele volta, de mala e ser vazios, destrói *o sonho daquele povo*, da comunidade que apostou naquele “jogador” e que, por isso, decepcionada, iria anular aquele sujeito como um perdedor. No debate sobre povo e nação, Homi Bhabha (1998, p. 200) diz “que o contar da história individual e a experiência individual não podem deixar de, por fim, envolver todo o árduo contar a própria coletividade. Nessa perspectiva, a morte das personagens, especificamente a de Nelo, não tem significado apenas físico, a morte do corpo, mas de projetos de vida de um povo.

O trauma da morte de Nelo permanecera no Junco durante décadas, assim o vemos no retorno de Totonhim, vinte anos depois. Foi uma chegada sem festa, sem comemoração. O lugar encontrava-se receoso, temendo que aquele sampauleiro³ cometesse o mesmo pecado do irmão mais velho vinte anos antes, uma vez que fizera o mesmo trajeto de volta de São Paulo ao Junco.

Não era, naturalmente, o do Nelo que voltou e se matou, matando o sonho daquele lugar, que sempre sonhou em partir. Tanto que o mundo todo endoideceu – ninguém havia conseguido dormir naquela noite. O exemplo que eu tinha de seguir só podia ser o do outro Nelo – o que partiu. Pois eu que partis-

3 Tratamento dado ao migrante nordestino para São Paulo no romance *O sampauleiro* (1917-1929) pelo escritor João Antônio dos Santos Gumes.

se também, e não voltasse tão cedo, para que o lugar pudesse continuar sonhando. Com as chuvas de um perene mês de maio, no eterno verde de um céu chamado São Paulo-Paraná. Com um lugar à sombra das árvores das patacas, lá longe, muito além do arco-íris, pra lá do Vale do Anhangabaú, do Viaduto do Chá (TORRES, 2015, p. 11).

O processo de representação está relacionado à ideia de substituição; representação pode significar estar no lugar do outro, representar o outro (PESAVENTO, 2003, p. 40). A literatura, por sua vez, utiliza a representação das experiências humanas no tempo para “explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro; [...] são formas de representar inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história” (PESAVENTO, 2003, p. 81). Assim, a ficção não deve ser vista como o contrário do real, mas como sua reconfiguração. A citação extraída de Torres (2015) traz, na voz do sujeito do Junco, ações e acontecimentos sociais que, para Bourdieu (1996, p. 14), “atribuem como fim reconstruir uma ‘realidade’ social suscetível de ser apreendida no visível, no sensível e no concreto da existência cotidiana”.

Como lidar com a presença da morte ou o temor a ela é algo avivado ao longo das narrativas, frases enunciativas como “um morto não faz mal a ninguém” (TORRES, 2018, p. 112), “mate e depois se mate” (TORRES, 2018, p. 128), “falar em corda em casa de enforcado” (TORRES, 2018, p. 127), “Os mortos não falam” (TORRES, 2018, p. 106), “os serões do meu pai com o povo do outro mundo era imaginá-lo sem medo dos mortos” (TORRES, 2015, p. 17), “Parece não temer a morte e não ter medo de morrer sozinho” (TORRES, 2015, p. 38), “Ele apagou ali mesmo, ao volante” (TORRES, 2015, p. 106), “Aposentadoria mata, meu chefe. Estava falando em corda em casa de enforcado” (TORRES, 2014, p. 62) e “O dia em que a morte estiver para chegar, eu aviso a todos” (TORRES, 2014, p. 67) são frequentes ao longo das narrativas.

Araújo (2012, p. 82 *apud* SCHOPENHAUER, 2000) afirma que a morte é propriamente “a musa da filosofia” ou que “filosofar é aprender a morrer” no dizer de Montaigne (2010); na literatura ela tem lugar privilegiado, já que a linguagem ganha vida na morte (BLANCHOT, 1997); uma potência de morte. Parece que das aproximações do filósofo pessimista com o escritor resulta um direcionamento ao caos e cada passo na vida é um passo para a morte. André (2018), baseando-se na leitura psicanalítica do ensaio *Luto e melancolia*, de Freud:

Na melancolia, [...] a culpa e a hostilidade são grandes demais. É como se o melancólico acreditasse que o objeto perdido, seja por motivo de morte, separação ou rejeição, tivesse sido de alguma forma assassinado por ele. O objeto, então, volta como um perseguidor interno em busca de punição, vingança e expiação (ALVAREZ, 1999).

A morte nos romances é o termo de conclusão do movimento de fuga que se inicia no processo migratório malsucedido, em que o personagem não consegue resistir às perplexidades causadas pelos conflitos não previstos no processo e decide livrar-se deles da maneira mais trágica e definitiva. Sobre lidar com essas situações da contemporaneidade, Norbert Elias (1994) discute que a adequação e adaptação do sujeito no meio “civilizado” relaciona-se diretamente com a aquisição de autocontrole, condição imperativa para a sobrevivência de um ser humano nesse tempo. Ainda de acordo com Elias (1994), sem que tenha aprendido a autorregular-se, o ser humano não está em condição de adiar a satisfação de seus desejos, tampouco de mudar o direcionamento da procura destes. Desprovido desse autocontrole, o indivíduo torna-se refém de seus altos e baixos, dos próprios desejos, paixões e emoções que buscam satisfação imediata ao mesmo tempo que perpétua satisfação, sucesso para a satisfação própria e principalmente alheia, o que causa dor e sofrimento assim que alguma inflexão no curso dos eventos leve à negação.

Beber, comer, amar, dormir, sonhar, ouvir diversas músicas, ver um filme, uma peça de teatro, ler um livro, curtir tudo o que há de maravilhoso na natureza, o dia e a noite, as mudanças de estação, o sol e a lua, a chuva – quer dizer, desde que não esteja no meio da rua –, a beleza do mar, o ar da montanha, a solidão da planície, uma paisagem à beira de um rio, os pássaros cantando, os bois nos pastos, as luzes das cidades, um papo no bar num fim de tarde, colegas de trabalho, gente, pessoas, coisas e animais, a volta pra casa, mulher, filhos e amigos, encontros fortuitos, lenços perfumados, lugares e países de sonho por conhecer, as descobertas e emoções de um novo dia, bem, já disse um filósofo: nada disso tem a menor importância no momento em que um homem decide que não vale a pena viver (TORRES, 2015, p. 114).

Para Montaigne (2010), a vida movimenta-se para a morte, e esta, sem perder a oportunidade, debruça-se sobre a vida. Seria algo como tocar a mão e o rosto da morte, abraçá-la e “aprender a sofrer o que não se pode evitar” (MONTAIGNE, 2010, p. 545).

A contínua obra de vossa vida é construir a morte. Estais na morte enquanto estais em vida, pois estais depois da morte quando não mais estais em vida. Ou, se assim o preferis, estais morto depois da vida, mas durante a vida estais morrendo e a morte toca bem mais brutalmente o moribundo que o morto, e mais viva e mais essencialmente (MONTAIGNE, 2010, p. 78).

Nelo, personagem principal que não fala, fala muito ao não dizer nada, pois desnuda as mazelas e os conflitos a que indivíduos migrantes estão sujeitos diante do processo migratório. São contínuos mundos a oferecer novos modos de vida, novos hábitos, novas linguagens, assim como novas dificuldades e necessidades de enfrentamentos. Torres apresenta-nos, por meio da ficção, um homem com identidade empobrecida e um tanto fragmentada, comprimido entre o desejo de viver e as exigências que a “peça da vida real” prega para que esse desejo seja concretizado. O desejo e o medo de viver se misturam. A volta de Nelo ao Junco é um retorno de resultados improfícuos, carregado de frustrações. Na bagagem, em vez de dinheiro e presentes, traz o vazio, o desgosto, a decepção, a angústia, o desencontro com a sua cidade, a crise existencial, enfim, a pobreza de antes, somada ao sentimento de derrota: “Era verdade [...], uma velha carteira vazia. Digo: sem dinheiro” (TORRES, 2018, p. 42). Nelo, aquele que “um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico” (TORRES, 2018, p. 11), regressa sem conseguir cumprir a sua expectativa, nem para si mesmo, nem para a família, nem para o Junco. Esse reencontro com as raízes desencadeia uma crise identitária: Nelo não sabe se está no Junco ou em São Paulo e ao mesmo tempo parece estar nos dois lugares. Para Hall (2002), esse tipo de sentimento resulta das fronteiras socialmente construídas e ressignificadas em razão das mudanças dos contextos sociais e históricos que ora se configuram de modo centralizado e unificado, ora descentrado e fragmentado. Isso sugere refletir que o sujeito centrado não desapareceu com o advento do sujeito descentrado e que vivemos um movimento dialético entre concepções de identidade estáveis, fixas e sólidas, por um lado, e de identidades dinâmicas, fluidas e ambivalentes, por outro. Em meio a esses desencontros e crises identitárias, Nelo se mata enforcando-se. A sua morte então passa a desencadear nos que o rodeiam, especialmente seus familiares, a reflexão sobre as próprias vidas e suas relações com o Junco e com o mundo. Em entrevista cedida a Edney Silvestre (2001), Torres enfatiza que “A morte daquele homem tinha matado o sonho do lugar. O sonho do lugar era partir, aquele que voltou e se matou, matou o sonho do lugar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se reconhecer no espaço em que nasceu e cresceu, o sentimento de desprezo dos outros, a decepção consigo e com o mundo, não atender bem às próprias expectativas e a dos outros são alguns dos gatilhos que podem levar o indivíduo a gestos extremos como o suicídio, presente e temido no ambiente social das personagens das obras de Antônio Torres em análise. Nesses textos, o autor descortina comportamentos que são frutos de uma sociedade que, segundo Bauman (2001, p. 14), é uma versão individualizada e privatizada da modernidade, na qual a carga de padrões e modelos e a responsabilidade pelo fracasso “caem sobre os ombros dos indivíduos”.

Ressaltamos aqui o desafio de cruzar três romances escritos em diferentes décadas pelo mesmo autor. Sem deixar de publicar diversas outras obras, Antônio Torres recupera ao longo de trinta anos um mesmo enredo, mais de uma vez retornando para os dramas mal resolvidos da família e do lugarejo de onde vêm Nelo e Totonhim. Nesses dramas, a falta de resolução é um elemento vivo, como uma ferida mal curada, e a única resolução, um gesto fatal. Nessas idas e vindas de um único enredo, fragmentado em três romances fraturados, reverberam os desdobros da migração, a problemática do território, dos lugares do sujeito, das questões identitárias do pertencimento. É um enredo que tem como mecanismo central o suicídio, a mover os personagens nos circuitos fechados da própria estagnação, mesmo que não os leve ao gesto extremo. Tomar esse drama enredado de dramas como simples representação da realidade e não como construção simbólica a ser interpretada e reconstruída pelo leitor como processo ficcional é um risco que se deve evitar. Nessa perspectiva, procuramos ver o suicídio como um princípio enunciativo de uma série de fatores que perpassam questões das mais diferentes ordens e que estão muito presentes em outras construções literárias, bem como a temática do deslocamento e das implicações psicossociais no sujeito que vive em situação de desterro.

Torres vasculha os sentimentos que sugerem as diversas rotas de fuga ao ouvido de cada personagem e avalia suas consequências no íntimo de cada indivíduo. Por meio das obras *Essa terra*, *O cachorro e o lobo* e *Pelo fundo da agulha*, Antônio Torres universaliza os dramas particulares dos personagens usando a fuga nas suas mais diversas manifestações e o suicídio como o modelo afetivo que leva aos extremos “menores” que são a emigração, o regresso, o isolamento, o alcoolismo, a loucura, o exílio na própria casa etc. Em todas

essas metamorfoses da fuga, reina uma espera vazia – a espera por um casamento, pelo filho que partiu, pela mulher que foi embora, pelo retorno da vida que já não há, pela grande oportunidade da vida, pelo reconhecimento dos outros, enfim, pelo sucesso, sem complemento –, sempre uma esperança lacônica, uma esperança cheia de objetos vazios, matriz da fuga extrema do suicídio, em face da qual apenas o medo, a loucura ou a superstição salvam vidas nos confins de todos os Juncos.

Trail trilogy: a death in the works of Antônio Torres

Abstract

Essay addressing the theme of death as a result of an ill-fated migratory process in contemporary literary research *This land*, *The dog and the wolf*, and *By the needle*, the writer Antônio Torres, novels in that the author may be a reflection on northeastern migration. Our edition is by Torres, highlighting some of the goals of the scenario, creating new events in the face of the adversities of ideas and following and not communicating with them, seeking the different outputs, being a death of them. Thus, whit basein thematic scholarsthe text analyzes death as one of the forms of escape from the realities within proposed literary.

Keywords

Migration. Suicide. Contemporary fiction.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, A. *O deus selvagem: um estudo do suicídio*. Tradução S. Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AMADO, J. *Seara vermelha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDRÉ, W. Literatura e suicídio: alguns operadores de leitura. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 40, n. 2, 2018.

ARAÚJO, R. M. S. Um grito de desespero: diálogos para uma filosofia da morte em Ivan Junqueira e Emil Cioran Rodrigo Michell dos Santos Araujo. *Estação Literária*, v. 9, p. 81-94, jun. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uell/index.php/esta-caoliteraria/article/view/25685>. Acesso em: 21 nov. 2019.

- ASSIS, M. de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- ASSIS, M. de. *A desejada das gentes*. Belém: UNAMA: Núcleo de Educação à Distância, [2019]. Disponível em: <http://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/ua000183.pdf> Acesso em: 27 ago. 2019.
- BANDEIRA, M. Consoada. In: BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1977.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BLANCHOT, M. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BELLE, E. *A discursividade contemporânea sobre a morte*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.
- CAMUS, A. *O primeiro homem*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- GOETHE, J. W. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. Tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. São Paulo: Mediafashion, 2016.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. 23. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- MELO NETO, J. C. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- MONTAIGNE, M. de. *Os ensaios: uma seleção*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- PESAVENTO, S. J. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ROMERO, C. S.; FERNANDES, L. S. Três faces da morte: análises comparadas de poemas dos períodos Barroco, Romântico e Moderno. *Trama*, v. 8, n. 15, p. 67-80, jan./jun 2012.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SILVESTRE, E. Literatura. *Globonews*, 2001. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fCIycC_1SMU. Acesso em: 23 ago. 2019.

THOMAS, L.-V. *Antropología de la muerte*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

TORRES, A. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

TORRES, A. *O cachorro e o lobo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

TORRES, A. *Essa terra*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.